

# DIÁRIO DE BORDO

Minhas experiências durante o  
distanciamento social de 2020

ESTUDANTE:

Nina Couto – 8º ano

 **INDI**  
Instituto Nacional de Desenvolvimento Infantil

**Editora**

O tempo  
das cores



## Diário de Bordo

Antes de qualquer coisa, queria deixar bem claro que eu não queria escrever sobre a pandemia. O Coronavírus matou milhões de pessoas, quebrou a economia de diversos países, provocou crises políticas, nos separou de amigos e familiares amados e trouxe ansiedade, pânico e depressão para inúmeros jovens. Então, eu não acho justo que nós, apenas crianças e adolescentes assustados com toda essa confusão, tenhamos que escrever sobre este assunto tão delicado e sensível como se não fosse nada demais.

Era uma quarta-feira normal. Tinham acabado de confirmar o primeiro caso de COVID-19 na minha cidade. Eu acordei cedo, fui para escola e conversei com meus amigos, os mesmo que eu não vejo há meses. Nós conversamos sobre como seria surreal se o tal vírus, que só conhecíamos pelas notícias, entrasse no nosso mundinho.

Naquele dia fui embora sem me despedir de todo mundo, pois os veria de novo no dia seguinte. No começo da noite eu vi no jornal que as escolas iriam fechar por uns dias. Foi aí que eu percebi que não os veria no dia seguinte e, provavelmente, nem nos próximos. Os dias foram passando e depois as semanas, os meses e agora tudo é diferente.

Às vezes eu penso em como estariam as coisas se nada disso tivesse acontecido. Eu normalmente estaria na praia com a minha família ou com os meus amigos conversando sobre

coisas totalmente aleatórias por várias horas. É legal imaginar coisas boas, faz o tempo passar mais rápido eu acho.

A primeira semana de quarentena foi estranha porque nada mudou muito. Eu via nas notícias como os casos de coronavírus estavam aumentando e quantas pessoas já tinham partido devido a essa doença terrível mas, a minha vida não pareceu diferente. Era como um feriado, mas sem a parte de sair de casa.

Depois de um tempo, isso foi passando de maneira lenta, mas perceptível, as coisas foram mudando. No final do primeiro mês, eu já estava começando a me cansar de ficar em casa. Não importava quantas coisas eu tinha para fazer, tudo era tedioso ou sem graça.

Comecei a ter aulas online e era estranho no começo, mas depois acabei me acostumando. Passava a maior parte do meu tempo livre vendo séries, filmes e lendo. Eu lia bastante no começo, mas como não podia sair de casa para comprar livros ou pegá-los emprestado, eu acabei ficando sem muitas opções. De qualquer maneira, fazer essas coisas me permitia fugir da realidade por algumas horas e isso era muito bom.

Eu falava com os meus amigos quase todos os dias pelo celular e era legal, mas nada comparado a ter uma conversa pessoalmente, cheia de risadas sinceras e esse tipo de coisa. Nunca tínhamos muito assunto, mas acho que tentávamos fazer com que as coisas parecessem normais. Dava certo, às vezes.

No meio do segundo mês de quarentena eu estava praticamente acostumada com tudo. Acho que foi aí que eu aceitei que isso seria nossa nova realidade por um bom tempo e não podia fazer nada quanto à isso, então fui tentando arranjar novos passatempos e *hobbies*. Eu tentei começar aulas online de francês, o que não deu muito certo levando em conta que aprendi umas 20 palavras e 3 frases no total. Também resolvi que eu ia aprender melhor a tocar piano e estava dando certo, mas ele quebrou uns meses depois.

Assim, eu comecei a fazer brincos e colares. Pedi para minha mãe comprar alguns materiais e comecei a fazer, até vendi alguns. Era bem divertido criar coisas bonitinhas e ver que outras pessoas também gostavam das minhas criações.

Eu comecei a ficar mais amiga da minha irmã, a gente passava bastante tempo juntas, fazendo coisas totalmente aleatórias. Às vezes eu penso que, se não fosse a quarentena, isso provavelmente não teria acontecido, mas fiquei feliz que aconteceu. A quarentena tem um lado bom, aparentemente.

Em maio, minha melhor amiga do mundo todo fez aniversário. Eu conheço ela há 12 anos e nunca perdi nenhum aniversário dela que eu possa me lembrar, mas esse ano tinha quase certeza que seria diferente. Estávamos presas, cada uma em sua casa, não nos víamos a quase 3 meses.

No final das contas eu pude vê-la naquele dia. Eu e meu pai fomos na casa dela e eu até levei um presente. Foi uma visita de 3 minutos e não podíamos nem ver nossos rostos inteiros, pois estavam cobertos com máscaras, não podia abraçá-la para

desejar um feliz aniversário, mas mesmo com tudo isso, foi muito bom vê-la.

Os dois meses seguintes passaram muito rápido. Nem me lembro de muita coisa que aconteceu. Eu estava cansada, disso eu me lembro. Estava há 5 meses sem ver meus amigos e sem sair de casa. Tirando isso, estava bem.

O tédio estava tomando conta de mim. Nunca tinha nada para fazer e parecia que todos os dias eram exatamente iguais. Eu acordava, fazia alguma aula, estudava, assistia TV e mexia no celular. Todos os dias a mesma coisa. Nada de diferente ou interessante acontecia.

Um tempo depois, as provas começaram. Tive que estudar o dobro do que eu estudaria se estivéssemos na aula presencial, o que foi exaustivo, mas deu tudo certo no final.

Ninguém imaginava que a pandemia duraria até aí. As pessoas não aquentavam mais ficar de quarentena. Em todo o mundo, três países já tinham superado a marca de 1 milhão de diagnósticos: Estados Unidos (5,6 milhões), Brasil (3,5 milhões) e Índia (3 milhões). Não parecia que ia acabar tão cedo.

Em Setembro, eu fiz aniversário. Eu fiquei feliz e triste ao mesmo tempo. Percebi que faltavam 4 anos para eu ser legalmente adulta, e eu estava gastando os poucos anos da minha adolescência presa em casa, de quarentena. Tentei não pensar muito nisso, porque me assustava um pouco.

Ganhei vários livros de presente e li bastante, o que me deixava ocupada. Não me senti nada diferente tendo 14 anos, nada

mudou muito. Convidei três amigos no dia e nós ficamos de máscara conversando. Não foi perfeito, mas eu sentia muito a falta deles, então foi muito bom vê-los.

No final do mês, percebi o quão rápido o tempo estava passando. Faltavam apenas 3 meses para o ano acabar, e na minha cabeça não tinha nem começado direito...

Em outubro, as coisas mudaram um pouco. Mudaram bastante, na verdade. Eu teria uma semana de férias da escola, para descansar e meus pais decidiram aproveitar o recesso para visitar o resto da minha família, em Santa Catarina.

Ficamos mais de um mês com meus tios e minha priminha. Praticamente moramos lá durante esse tempo. Foi muito bom ver eles de novo e ficar em uma cidade pequena de praia, longe de tudo, por um tempo.

Eu amo a cidade dos meus tios, de verdade. Costumava ir lá todos os verões quando era pequena, com todos os meus primos e a família toda. É muito legal relembrar essas coisas.

E acho que essa é a graça da vida: aproveitar cada momento ao máximo para que, um dia, eles se tornem memórias que você sorri ao relembrar.

Durante a pandemia, as minhas memórias foram algo muito importante para mim, porque elas trazem as saudades, elas rendem grandes assuntos e nos fazem perceber o quanto mudamos com o tempo.

A mudança também foi algo constante durante a pandemia. Eu mudei muito, acho que não me reconheceria antes de tudo isso, e não necessariamente é algo ruim. As coisas mudariam de qualquer jeito, eu acho que a quarentena só nos fez prestar mais atenção nos mínimos detalhes que a cada dia ficavam mais diferentes.

Então, para concluir o meu diário de bordo, eu afirmo que a pandemia mudou a minha vida. Mudou muito. E me fez criar novas memórias (boas e ruins) que, talvez, no futuro, eu possa compartilhar com outras pessoas.